

A LUTA ENTRE A SERIEDADE E A RISADA EM PADRE VIEIRA: história, mitologias e crença religiosa



Ms. Cosme Oliveira Moura Junior
 Faculdades Pitágoras – MA
 e-mail: cosmepolita@hotmail.com

Resumo: Neste artigo, discutimos sobre as imagens discursivas invertidas (burlesca e carnavalesca) contidas nos sermões: da Quinta Dominga da Quaresma, Aos Peixes, do Bom Ladrão e Sexagésima escritos por padre Antonio Vieira no século XVII. As análises iniciaram com uma descrição interpretativa acerca do ritual religioso da missa tomando como base teórica conceitos durkheimianos de rituais positivos e negativos. Em seguida, adentramos nas reflexões da linguagem carnalizada e/ou burlesca (Bakhtin, 1999) contida nos sermões citados. A partir da interpretação histórico-linguística dos sermões, pudemos perceber a existência de uma dialética (discursiva) ou luta entre a ordem da moral, da *seriedade* (civilizatório-cristã) e a (des)ordem do *riso* (a mentira, o pecado, a ostentação, o ócio) no contexto histórico retratado pelo padre no Maranhão do século XVII.

Palavras-chave: discurso burlesco, civilização, fenômeno religioso, interpretação linguístico-histórica

Abstract: In this article we talk about vieirense discursive altered images (burlesque and of carnival) contained in the sermons of: Quinta Dominga da quaresma, Santo Antonio aos peixes, O bom ladrão e Sexagésima, written by priest Antonio Vieira in the century XVII. The analyses began with an interpretative description about the religious ritual of the mass taking like theoretical base concepts durkheimianos of positive and negative rituals. Next, we enter in the reflections of the carnival language and burlesque language (Bakhtin, 1999) contained in the chosen sermons. From the interpretation linguistic-historical of the sermons, we could realize the existence of a (discursive) dialectics, or it fights, between the order of the moral, of the seriousness (civilization society and Christian) and the (des) order of the laughter (the lie, the sin, the ostentation, the leisure) in the historical context shown by the Priest in the Maranhão of the century XVII.

Keywords: burlesque speech, civilization, religious phenomenon, interpretation linguistic-historical

1 Introdução

A repercussão da obra do Padre Antônio Vieira se mantém intensamente viva a despeito da distância cronológica que nos separa de sua 'gênese' no século XVII. Obra vieiriana que deve ser sobretudo compreendida como um esforço intelectual que se articula a diferentes formas de ação visando a alteração de quadros históricos julgados inconvenientes para a propagação dos ideais cristãos na terra. (NEVES, 1997, p.15)

A retórica barroca, o discurso engenhoso, a profecia das letras, estas são algumas das qualificações pelas quais podemos referenciar os escritos vieirenses. No entanto, aqui nesta análise, não tentamos reafirmar tais qualificações, buscamos uma problematização interpretativa que tenta refletir acerca dos aspectos *burlescos* e *carnavalizados* de alguns sermões de Vieira. Além disso, ao se construir uma lógica discursiva “de ponta a cabeça” em um ritual religioso (missa), fez-se necessária a compreensão deste ritual simbolicamente hierarquizado, para que pudéssemos visualizar melhor as inversões vieirenses.

Desse modo, discutimos, neste artigo, sobre as imagens discursivas invertidas (burlesca e carnavalizada) contidas nos sermões: da Quinta Dominga da Quaresma, Aos Peixes, do Bom Ladrão, Sexagésima, escritos por padre Antonio Vieira no século XVII. As análises iniciaram com uma descrição interpretativa acerca do ritual religioso da missa tomando como base teórica conceitos durkheimianos de rituais positivos e negativos. Em seguida, adentramos nas reflexões da linguagem carnavalizada e/ou burlesca (Bakhtin, 1999) contida nos sermões acima elencados. Não estamos afirmando que os sermões elencados são escritos de carnaval, mas sim que neles existe uma dialética, ou luta, entre a ordem da moral da *seriedade* (civilizatório-cristã) e a (des)ordem do *riso* (a mentira, o pecado, a ostentação, o ócio) no contexto histórico retratado pelo padre no Maranhão do século XVII.

2 O ritual Missa no século XVII: o palco vieirense

No fim da tarde, o sol se esconde, o horizonte amarelado reverbera modestamente os raios de luz nas águas espelhadas e nas janelas da casa sagrada de Santo Antonio, enquanto as ilustres famílias da fidalguia ludovicense dirigem-se com seus trajes dominicais, trajes especiais, trajes usados como indumentária sagrada, como um manto que permite a entrada nos portais da santa Igreja de Santo Antonio.

Às suas cabeças o céu, paraíso, morada divina, de onde a iluminação sagrada emana, a abóbada do santo templo abria os portais para visões angelicais, que ao olho nu os simples fiéis não podem olhar. Mais à frente o santo padre, de costas para os fiéis, com longas roupas brancas, com um grande cachecol, que varia segundo o calendário litúrgico, podendo ser verde, roxo, branco e vermelho. As cores são classificações do sagrado: o vermelho o sangue de Cristo e o

corpus Christie; o roxo, a morte e a quaresma; o verde, o nascimento do Senhor e a esperança por uma nova vida; o branco, a paz e a limpidez da luz divina.

Em uma espécie de cabina estariam os fiéis a se arrependem, a confessarem suas impurezas, a se libertarem destas para que possam comungar do corpo santo do Senhor. Cercados por símbolos da perfeição do solo sagrado de Santo Antonio, o santo padre do púlpito emitia palavras mágicas, muitas delas em Latim, a língua dos anjos, a língua do Espírito Santo. E em nome do Pai, do Filho e Espírito Santo se inicia, evangelho, rito penitencial, ofertório, comunhão e bênção final: em nome do Pai, Filho e Espírito Santo...

Assim mergulhamos em um imaginário possível de um ritual ocidental cristão chamado missa, que por sua vez possui todo um emaranhado de simbolismos, relações sagrado-profano, hierarquias, proibições, prescrições e momentos de purificação da alma. Estamos diante de um universo cosmológico ritualizado. Segundo Durkheim (1996), este universo cosmológico seria a *crença* religiosa, e a ação prática seria o *rito* religioso.

Na análise acima, fiz uso de símbolos do imaginário cristão católico, com o intuito de proporcionar ao leitor uma maior visualização dos conceitos sociológicos que estamos utilizando. Dessa maneira, o ritual religioso da missa estava prescrito na *consciência coletiva* dos fiéis, pois estes adquiriram na sociedade cristã portuguesa cosmovisões referentes à crença religiosa.

Toda a descrição acima revela uma possível trajetória de atos humanos racionalizados em função de uma *crença religiosa*, que, por sua vez, leva os fiéis a dirigirem-se em “tardes dominicais ao santo templo sagrado de Santo Antonio com seus trajes especiais”. Percebamos que o ritual religioso da missa, mesmo sem estar materializado em seu *calor da hora*, em sua ação ritualística, prescreve atos anteriores, como: vestir-se adequadamente e ir ao templo em horário estabelecido. Assim Durkheim (1996) define:

Ora as maneiras de agir que a sociedade tem o maior interesse em impor a seus membros estão marcadas, por isso mesmo, com o sinal distintivo que provoca o respeito. Como elas são elaboradas em comum, a vivacidade com que são pensadas por cada espírito particular repercute em todos os outros e reciprocamente. As representações que as exprimem em cada um de nós têm, portanto, uma intensidade que os estados de consciência puramente privados não poderiam atingir, pois elas têm a força das inumeráveis representações individuais que serviram para formar cada uma delas. (1996, p.213)

Os *trajes especiais* dos fiéis representam que estão penetrando em um momento social também especial, ou seja: em um ritual sagrado. Com isso, não podem entrar em contato com este universo sagrado sem que obedecem às prescrições básicas. É a partir desta discussão sobre prescrições que podemos iniciar a discussão sobre *as atitudes rituais negativas* e *as atitudes rituais positivas* (Durkheim, 1996).

Conforme Durkheim (1996), existem duas formas fundamentais dos rituais religiosos, que apesar de interligadas, possuem naturezas simbólicas diferentes: *o culto negativo* e *o culto positivo*. *O culto negativo* refere-se ao universo dos tabus, às proibições e restrições que se deve seguir para impedir que as barreiras entre o sagrado e o profano sejam violadas. Com isso, os cultos negativos têm como intuito impor prescrições e proibições, que, se seguidas, tornar-se-ão as portas para o contato com o sagrado.

No caso da missa, podemos distinguir alguns elementos rituais que se referem ao culto negativo. Na descrição acima, o ato de se confessar nas “pequenas cabinas”, o vestir roupas adequadas, em certos casos até mesmo especiais (casamentos, primeira comunhão, crisma, batismo etc.), estão no universo das atitudes negativas, pois todos estes exemplos referem-se a proibições que irão dar acesso ao sagrado. Mas como falar em proibições que dão acesso ao sagrado? Observe que, para um fiel entrar no templo sagrado da missa, não poderá ir de roupas inadequadas (do mundo profano) e, caso não tenha se arrependido dos pecados e os confessado ao padre, não poderá participar da comunhão.

Além disso, as práticas sacramentais também podem ser vistas como prescrições negativas, pois o fiel só poderá ter acesso a determinados eventos do ritual caso tenha sido ungido por seus respectivos sacramentos. Como exemplo podemos citar a seguinte ordem ritual-sacramental: para ter acesso à primeira comunhão, o fiel terá que ter sido batizado e, por sua vez, para cada comunhão terá que confessar os pecados ao padre; caso não tenha recebido o sacramento da Crisma, não poderá sacramentar o casamento, e caso não case frente ao sagrado, o casal não poderá comungar na missa, até que regularize a situação frente ao sagrado, casando-se no matrimônio sagrado.

Por outro lado, *o ritual positivo* seria baseado na participação comunal em determinados atos sagrados; esta atitude, se ligaria com a comunhão e o sacrifício. Partindo desse pressuposto,

Durkheim (1996) afirma que o culto negativo – seguir as prescrições - tem como função abrir as portas para o contato com o culto positivo – comunhão de fiéis. No parágrafo anterior falei sobre rituais sacramentais como cultos negativos, pois prescrevem proibições, mas que possibilitam a entrada na comunhão cristã - o banquete da eucaristia.

Fazendo uma síntese, descrevi analiticamente nuances do mundo sagrado de uma missa, assim abordando os cultos positivos e negativos, no intuito de revelar ao leitor o ambiente simbólico-sagrado de uma missa. Desse modo, a missa, no contexto do século XVII em São Luís do Maranhão, além de ser um ritual sagrado, era o principal evento social, que servia, inclusive, como espaço de debate e de discussão sobre a realidade local.

O ritual acima descrito era o local onde as hierarquias sagrada e social se materializavam: no púlpito, o padre teria um poder moral de aconselhar, acusar e condenar; do outro lado os fiéis deveriam seguir as prescrições religiosas e as palavras sagradas do santo padre. A hierarquia divina encontrava-se estampada no templo religioso, onde a sagrada família ornava o púlpito, ao centro o corpo de Cristo (sacrário), acima o Cristo sacrificado (crucificado), mais abaixo São José, Maria e o menino Jesus (a sagrada família), na abóbada as luzes e a pomba do Espírito Santo. Dessa maneira, a hierarquia sagrada apresenta-se harmonicamente estabelecida aos olhos dos fiéis: a perfeição divina materializava-se no templo.

Seguir os preceitos religiosos interpretados pelo padre e estampados na arquitetura dos templos, não seria apenas atos de admiração ou simples obediência àquele representante e à beleza do templo, assim Durkheim (1996) define:

Quando obedecemos a uma pessoa em razão da autoridade moral que lhe reconhecemos, seguimos seus conselhos não porque nos pareçam sensatos, mas porque é imanente a idéia que fazemos dessa pessoa uma energia psíquica de um certo tipo, que dobra nossa vontade e a inclina no sentido indicado. O respeito é a emoção que experimentamos quando sentimos essa pressão interior e inteiramente espiritual produzir-se em nós. O que nos determina, então, não são as vantagens ou os inconvenientes da atitude que nos é prescrita ou recomendada, mas a maneira pela qual nos representamos aquele que nos recomenda ou prescreve tal atitude. (1996, p.212)

Os sermões de padre Vieira representam um momento específico do ritual religioso da missa: a homilia. O padre encontra-se imbuído da autoridade moral e religiosa, e o sermão materializa-se como as manifestações do sagrado por meio de palavras, em si divinas. O *respeito*,

discutido acima, estava presente tanto no ritual, como na figura do sacerdote; no entanto, não era um simples respeito individual, mas uma pressão psicossocial, de caráter representacional (Durkheim, 1996). As crenças religiosas ganham ação no ritual e reproduzem nos fiéis sentimentos e emoções que restringem certas atitudes (respeito) e pensamentos.

Podemos adentrar na discussão sobre os dois mundos que eram delineados nos Sermões de Vieira sobre o Maranhão. Sem muito esforço, o leitor de Vieira percebe que o barroco virensense constrói duas imagens possíveis do Maranhão: uma, parafraseando Bakhtin (1999), baseada no *riso* sarcástico, outra na *seriedade* civilizacional. Na próxima sessão adentrarei nas reflexões sobre processos de inversão social e transmutação sagrado-profano.

3 Temas sagrados em inversão

Assim como o Gordo sentado em um barril de vinho, com lingüiças penduradas no pescoço caçoava da velhinha magrela, adornada com peixes e com uma roupa preta (nas apresentações carnavalescas do século XVI) (Burke, 1999), no Sermão da Quinta Dominga da Quaresma, a mentira e a verdade, o sagrado e o profano, a seriedade e o riso, também digladiavam. Destarte, mais do que a vitória da verdade e da santidade divina, Vieira parecia revelar que o mundo do pecado e das paixões acabava por vencer a luta, a ponto de a única verdade possível ser a falta de verdades:

A este Evangelho do Domingo quinto da Quaresma chamais comumente o Domingo das Verdades. Para mim todos os Domingos tem este sobrenome, porque em todos prego verdades, e muito claras, como tendes visto. Por me não sair, contudo, do que hoje todos esperam, estive considerando comigo que verdades vos diria: e segundo as notícias que vou tendo desta nossa terra, resolvi-me vos dizer uma só verdade. Mas que verdade será esta? Não gastemos tempo. A verdade que vos digo, é que no Maranhão não há verdade (VIEIRA, 2000, p. 519).

Eis a primeira inversão hierárquica. O padre inicia demonstrando que a única verdade é que não há verdades no Estado. Por meio desta introdução, Vieira continua desenhando uma batalha entre o bem e o mal, entre o riso (irracionalidade) e a seriedade da civilização cristã. Percebam que, dentro do templo sagrado, o padre não poderia mentir frente ao sacrário, a única saída foi admitir que a mentira tornava-se verdade (inversão).

Como um riso sarcástico, a natureza, o céu, o mar, o clima, voltavam-se e conspiravam contra a *seriedade* cristã trazida pelo padre. Aos poucos, o que era sagrado tornava-se profano, o que era sério tornava-se desordem burlesca, e como em pinturas de BOSCH¹, o inferno e o paraíso andavam lado a lado. Este fenômeno fica bem evidenciado quando o padre refere-se ao M de Maria e ao M de Maranhão.

O M de Maria, mãe de Deus, era trino, era trindade. Trino como um tridente invertido do demônio, representava a vitória divina sobre o demônio em forma de serpente, que foi pisoteada pelos santos pés da mãe de Deus. O M era a vitória do divino, da cristandade, era trindade santa.

Era o dia da Santíssima Trindade quando sucedeu esta vitória, e com grande mistério, porque o melhor hieroglífico da mesma Trindade é o M, uno e trino. O cetro com que ostenta o seu poder e se arma o mesmo demônio quando aparece visível é o seu tridente de fogo. O M, entre todas as letras, é também tridente, e competindo o tridente do nome de Maria com o tridente infernal do demônio, bem viu e experimentou ele, nesta primeira letra do mesmo nome, com quanta razão se temia do todo. (VIEIRA apud SARAIVA, 1980, p.14)

O incrível é que o mesmo M de santidade, ao falar do Maranhão (Cocanha), era invertido e tomava a lógica da *gargalhada*, da inversão: a vitória aqui seria do demônio, da paixão, da mentira. O M de Maranhão era acima de tudo tridente do demônio, letra introdutória de vícios e pecados:

Os vícios da língua são tantos, que fez Drexélio um Abecedário inteiro, e muito copioso deles. E se as letras deste Abecedário se repartissem pelos Estados de Portugal; que letra tocaria ao nosso Maranhão? Não há dúvida, que o M. M. Maranhão, M. murmurar, M. motejar, M. maldizer, M. malsinar, M. mexericar, e, sobretudo M. mentir: mentir com as palavras, mentir com as obras, mentir com os pensamentos, que de todos e por todos os modos aqui se mente (VIEIRA, 2000, p. 519).

Na luta entre os M's, fica bem clara a dicotomia entre o bem e o mal, a seriedade e o riso, sendo que nas terras do Maranhão, o que parecia se estabelecer era a (des)ordem civilizatória, o paraíso do ócio, o mundo dos glutões e país dos vagabundos (mitos medievais).

O processo de transmutação sagrado/profano (seriedade/riso) ocorria ainda em elementos da natureza como o sol, o céu e a água, todos transparentes, perfeitos e divinos na literatura cristã medieval. No sermão da *Sexagésima*², Vieira falava do céu considerando-o *o sermão perfeito*, as

¹ O jardim das delícias de Bosch.

² Sermão em que Vieira faz referência ao Maranhão somente no que tange às dificuldades de pregação e conversão dos infiéis.

estrelas eram as palavras, as constelações as frases e o todo a manifestação plena da perfeição divina. O céu era um conceito que remetia à perfeição divina: morada divina perfeita e justiça divina, pois a ordem das estrelas era perfeita e tudo que provinha do céu obedecia à justiça divina: o céu era o mesmo para todos. O céu ainda era instrumento de orientação para os navegadores, pois representava um sermão perfeito, bastava saber lê-lo que ninguém havia de se perder.

Porque o Sol e a chuva são as influências da parte do Céu, e deixar de frutificar a semente da palavra de Deus, nunca é por falta do Céu, sempre é por culpa nossa. Deixará de frutificar a sementeira, ou pelo embaraço dos espinhos, ou pela dureza das pedras, ou pelos descaminhos dos caminhos; mas por falta das influências do Céu, isso nunca é, nem pode ser. Sempre Deus está pronto da sua parte, com o Sol para aquecer, e com a chuva para regar; com o Sol para alumiar, e com a chuva para amolecer, se os nossos corações quiserem [...]. Se Deus dá o seu Sol e a sua chuva aos bons e aos maus; aos maus que se quiserem fazer bons, como a negará? (VIEIRA, 2000, p. 34)

O sol representava a luz advinda dos céus, era a luz límpida, como a água, assim ambos eram símbolos sagrados. A água era límpida e transparente, a luz era irradiada igualmente para todos, pois provinha do céu: morada de Deus. Os elementos citados representavam a manifestação plena de Deus em todos os lugares do mundo: a ordem da seriedade, o mundo da civilização cristã. Todavia no Maranhão, as qualidades divinas dos elementos naturais, acima citados, tornavam-se abominações, mentiras, elementos que ludibriavam e convertiam a verdade em ilusão, em mentira:

É experiência inaudita a que agora direi, e não sei que fê lhes darão os Matemáticos que estão mais longe da Linha. Quer pesar o Sol um Piloto nesta Cidade onde estamos (São Luís), e não no porto, onde está surto o seu navio, senão com os pés em terra: toma o Astrolábio na mão com toda a quietação e segurança. E que lhe acontece? Coisa prodigosa! Um dia acha que está o Maranhão em um grau; outro dia em meio; outro dia em dois; outro dia em nenhum. E esta é a causa porque os Pilotos que não são práticos nesta Costa, areiam, e se têm perdido tantos nela. De maneira, que o Sol, que em toda a parte é a regra certa e infalível por onde se medem os tempos, os lugares, as alturas, em chegando à terra do Maranhão, até ele mente. E terra onde até o Sol mente, vede que verdade falarão aqueles sobre cujas cabeças e corações ele influi (VIEIRA, 2000, p. 520).

No sermão do *Bom Ladrão*, há, a meu ver, um dos exemplos mais nítidos de inversão. Na passagem bíblica da crucificação, houve o arrependimento de um ladrão, que estava sendo crucificado ao lado de Jesus (o rei dos judeus). O ladrão foi perdoado, pois se reconheceu como

pecador e acreditou na inocência de Jesus. Assim, foi levado aos céus pelo rei dos reis: *estarei te esperando nas portas do paraíso*.

Desta maneira, um rei levou um ladrão para o céu. Porém, o exemplo bíblico invertia-se, quando Vieira se referia ao Maranhão. Ao invés dos reis levarem ladrões para o céu; eram os ladrões que os levavam para o inferno. A falta de ordem central era definida como displicência real e automaticamente como falha, pecado que se tornaria a ruína do reino.

São companheiros dos ladrões porque os dissimulam; são companheiros dos ladrões porque os consentem; são companheiros dos ladrões porque lhes dão os postos e os poderes; são companheiros dos ladrões porque talvez os defendem; e são finalmente seus companheiros porque os acompanham e hão de acompanhar ao Inferno, onde os mesmos ladrões os levam consigo (VIEIRA, 2000 p. 407).

Creio que até aqui o leitor tenha percebido as *inversões* de temáticas sagradas, nos sermões elencados. Dessa maneira referendamos que o M de Maria tornava-se M de Maranhão, que por sua vez era o M de mentir e tridente do demônio; que o *céu* como morada divina e sermão perfeito invertia-se no céu mentiroso do Maranhão; que a limpidez da *luz divina* também tornava-se confusa nas terras do Maranhão. Assim, de um lado emerge uma imagem hipotética de um mundo da *ordem*, da seriedade materializada na providência divina verdadeira, séria e perfeita (a quaresma); do outro lado, estaria a (des)ordem, a cocanha, o ócio, o pecado, a gargalhada (gargantua) (Bakhtin, 1999).

São essas as metáforas, que têm origem no repertório literário cristão medieval, que são invertidas e parecem dar ação aos discursos de Vieira. Assim, o barroco de Vieira, nos sermões elencados, podem sim ser interpretados como uma luta entre a seriedade e o riso, entre a quaresma e o carnaval. E no decorrer destes sermões, o padre acaba invertendo ordens, de modo que o sagrado transmutava-se em profano.

4 A inversão de um ritual: a missa de ponta a cabeça

Tomando como referência o primeiro tópico deste artigo, lembremos a hierarquia ritualística de uma missa. O padre ficaria no púlpito, de costas para a assembléia, celebrando,

fazendo homilias com passagens em latim, enquanto isso os fiéis ficariam sentados ouvindo a palavra divina proferida pelo sacerdote.

As hierarquias religiosas estariam dadas na própria forma ritualística, por meio das restrições (ritos negativos) e comunhões (ritos positivos). Mas, padre Vieira, em o Sermão aos Peixes, parece transparecer que os “fiéis” que ali estavam acompanhando o missal, não respeitavam algumas restrições da crença religiosa, ou não entendiam ou não o ouviam. Dessa maneira, Vieira celebraria uma missa farsa, ou seja, uma missa aos peixes.

Peter Burke (1999) revela que uma das temáticas existentes no carnaval medieval seria a apresentação de uma *farsa* em que se inverteria a ordem e onde o carnaval venceria a quaresma, em que o riso sobrepujaria a seriedade. Vieira aproximou-se da construção de uma farsa carnalizada em dois momentos: no Sermão da Quinta Dominga e no Sermão aos Peixes.

Em o *Quinta Dominga*, o padre revela que iniciaria a homilia dizendo que este seria o domingo das verdades, mas para ele todos o seriam, no entanto para os ouvintes maranhenses a única verdade possível era que no Maranhão não havia verdades. Assim, Vieira inicia uma farsa, um discurso satírico e burlesco em que acaba por chamar toda a assembléia de infiéis e mentirosos. Dessa forma, como em um *rito positivo*, falaria da comunhão dos mentirosos na assembléia dominical.

No *Sermão aos Peixes*, além de ser evidente a *missa farsa*, pois o padre a direcionou aos peixes, ficou evidente também a construção de uma imagem metafórica de uma igreja afundada no mar da perdição, onde a assembléia estaria composta pelos seres marinhos. Na verdade, o padre constrói uma inversão da *ordem da natureza*, em que os seres irracionais se tornariam fiéis, ainda que sem razão, e que os homens racionais se tornariam feras, pois não ouvem a palavra de Deus.

Enfim, que havemos de pregar hoje aos peixes. Nunca pior auditório. Ao menos têm os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem e não falam. Uma só coisa pudera desconsolar ao Pregador, que é serem gente os peixes, que se não há de converter. Mas esta dor é tão ordinária, que já pelo costume quase se não sente. Por esta causa não falarei hoje em Céu nem Inferno: e assim será menos triste este Sermão, do que os meus parecem aos homens, pelos encaminhar sempre à lembrança destes dois fins (VIEIRA, 2000, p. 319).

Na passagem acima, além do direcionamento aos peixes, o padre deixa evidente que em seus sermões a luta entre o céu e o inferno sempre está presente. E essa luta entre o bem e o mal, entre a quaresma e o carnaval, apresentar-se-ia como dois caminhos, um dos espinhos outro das flores. Desse modo, seus escritos estavam, acima de tudo, impregnados de crenças religiosas; não eram simples palavras rebuscadas, eram palavras de Deus que necessitavam ser escutadas e materializadas no mundo da ação prática.

Continuando no sermão aos peixes:

Poderia cuidar que os peixes irracionais se tinham convertido em homens, e os homens não em peixes, mas em feras. Aos homens deu Deus uso de razão, e não aos peixes; mas neste caso os homens tinham a razão sem o uso, e os peixes o uso sem a razão. Muito louvor mereceis, peixes, por este respeito e devoção que tivestes aos Pregadores da palavra de Deus, e tanto mais quanto não foi só esta a vez em que assim o fizestes (VIEIRA, 2000, p. 320).

A partir daqui, podemos revelar que Vieira tecia uma espécie de inversão do mundo, nas terras do Maranhão. Esse estado manifestava-se como uma imagem especular da ordem divina (seriedade), com as mesmas dimensões, porém sem possibilidade de sobreposição. A ‘ordem’ tecida pelo ideário discursivo vieirense era uma ordem *upside down*: um mundo de ponta a cabeça (o riso). Eis o que chamamos de inferno paradisíaco. Esta qualificação contém contradições, barroquismo, mas parece delinear algumas noções que o padre tinha sobre a existência do Maranhão como fenômeno histórico-existencial.

5 Mitos medievais e história social

Pensemos agora: mas o que seria o Maranhão para Vieira? Um lapso temporal? Um inferno? O fim do mundo? Poderíamos nos conformar com a simples resposta: Vieira odiava o Maranhão. Esta é uma elaboração cômoda, pois assim, colocar-se-ia um ponto final no início da construção de Maranhão feita pelo padre. A questão mais proveitosa seria a seguinte: por que o sagrado tornava-se profano nos discursos vieirenses sobre o Maranhão? Por que a ordem divina (a quaresma) desordenava-se (carnaval) neste estado?

Na verdade o Maranhão parecia representar um paraíso sem lei (cocanha), o império dos vícios da língua: o império da mentira. Como nos mitos medievais, os colonizadores pareciam vir para o Maranhão com o intuito de aventurar, ou seja, com o objetivo de materializar um

processo de libertação em relação à *seriedade* civilizatório-cristã nascente. Mais do que implementar um império da *seriedade* e da racionalidade, os colonos pareciam vir para as terras do Maranhão para construir uma Cocanha, um paraíso em que se enriqueceria sem esforço próprio e em que a liberdade seria regida pela autoridade de cada um.

Foram por tais razões, que estou buscando analisar as metáforas vieirenses aqui expostas, como construtoras de uma *dicotomia barroca*, em que o *riso* (mentira, farsa, pecados, libertação em relação à civilização cristã, cocanha, ócio) e a *seriedade* (civilização cristã, controle, centralização, trabalho árduo) tornam-se eixos de um discurso que transmuta a ordem em desordem, sendo que as hierarquias viram-se de *ponta a cabeça*.

A expressão qualificativa *Ponta a Cabeça (upside down world)* (Burke, 1999), ou de cabeça para baixo, permite-nos continuar as discussões acerca da inversão da ordem civilizada, segundo as concepções de Vieira. A mentalidade de que a pretensa *ordem moderna* regida pelo respeito à centralidade da lei única real e eclesiástica (*seriedade*) incompatibilizava-se com o contexto do Maranhão do século XVII foi eixo dos discursos vieirenses.

Deparamo-nos com a expansão e consolidação dos *estados absolutistas modernos*. Neste momento, as concepções filosófico-políticas (contratualistas e jusnaturalistas) coadunavam-se com a organização de uma *ordem* calcada na centralidade, legalidade e punição. Para isso, eram necessários o controle, o castigo, a pena, a punição e a extirpação dos localismos. De acordo com Elias (1993), a burocratização e a hierarquização (monopólios de autoridade, da violência e da tributação), ou seja, os aperfeiçoamentos do corpo de controle social, começavam a se processar rumo à dita *ordem civilizada moderna*. Porém muitos europeus sentiam-se extremamente oprimidos.

Era perigoso abandonar as trilhas batidas da tradição, e no entanto a ordem social existente, com suas injustiças e privações, engendrava frustrações em escala maciça. O povo precisava de figuras de ódio como bruxas, turcos e judeus, precisava transferir para os forasteiros as hostilidades geradas por tensões dentro da comunidade. Precisava de ocasiões periódicas para expressar essas hostilidades, aliviar essas tensões (BURKE, 1999, p. 201).

Grande parte da população europeia ainda estava presa a mentalidades religiosas feudais. Viam-se abandonadas pelo seu senhor feudal, pelo localismo do feudo, em nome de uma

centralização universal dos direitos e deveres, antes locais. Muitos se sentiam perdidos e oprimidos pelo monstro Moderno. Desta repressão surgem mitos de um paraíso terrestre ou de uma terra distante sem trabalho e sem governo. Na Idade Média, esses mitos tinham um caráter marcadamente religioso, já no período da expansão marítima tomaram conotações *dionisiacas*.

Segundo Foucault (1995), o mar era símbolo de perdição e do desconhecido. E foi através das ondas do desconhecido que o novo continente emergiu. O continente éden, paraíso terrestre, Cocanha, *Hy Brasil*, lugares onde não se *cobrem as vergonhas*: eis a libertação³. Grande parte destas idealizações mitológicas exacerbavam a necessidade de libertação libidinal e comensalista. Sexo, gula, ócio eram os aditivos do prazer de liberdade:

Ao contrário do paraíso terreno, situado no Este e de caráter espiritual e primitivo, os paraísos ocidentais apresentam uma abundância material semelhante à que gozam os ricos, com árvores carregadas dos mais caros alimentos, rios de mel e de vinho ou leite, casas luxuosas, mulheres belíssimas, etc (CARANDELL, 1989, p. 35).

Segundo Boxer (2002), o ideal de cruzada e o *odium theologicum* marcaram, por muitos anos, o Portugal seiscentista. Dessa forma, padre Antônio Vieira, assim como os portugueses, estava marcado por utopias, mitologias e crenças nacionais de caráter religioso (o sebastianismo). Profecias do livro de Daniel, mitos medievais da *Era do Ouro*, *Cocanha* e *Paraíso Terrestre*, circulavam na Europa. Portugal estava sendo assolado pela dominação do reino de Castela e via-se atacado por nações estrangeiras, destacadamente pelos holandeses. O povo via-se abandonado, sem um rei, sem um protetor.

Ressurge o mito de D. Sebastião como uma profecia salvadora e libertadora do reino português. Vieira reforça tais idéias acreditando que D. João IV seria o rei predestinado pelo livro de Daniel a ser soberano no quinto Império da Humanidade, que seria marcado pela onipotência e pela luz divina.

O D. Sebastião, falado no mito, sintetizava o *ethos* português de militarismo, carisma, vôos altos, ódio teológico e ideal de cavalheirismo. D. Sebastião era descrito popularmente como

³ Cucaña (Portugal), Cokaine (Inglaterra), cocagne (França). Outros mitos, panoma, venusberg, o país dos vagabundos, o paraíso dos pobres, a montanha de açúcar, in__CARANDELL, José M.^a. **As Utopias**. Rio de Janeiro: Selvat, 1989.

um rei que se dedicava à arte da guerra e tinha como maior objetivo conquistar os infiéis marroquinos. Este rei místico era um exemplo de um cavaleiro medieval, aventureiro, cristão, honrado e por fim trágico e heróico.

A figura de D. Sebastião pode ser compreendida como uma espécie de mito nacional, que sintetiza repertórios de sentimentos e ideais do português seiscentista. Tal mito, de certa forma, sempre emergia na história portuguesa em momentos de crise. Vieira e os colonos que chegavam às terras do Maranhão eram, provavelmente, marcados por tais crenças, de modo que o ideal maior de todos ou era expandir a fé, ou era alcançar grandes títulos de nobreza, ou ainda era concretizar grandes vãos de aventuras.

A matança feroz das nações alógenas (índios, indianos, africanos, japoneses) relaciona-se à mentalidade Ibérica de ideal das cruzadas, por isso matar ou explorar um pecador não era algo grave. Assim como D. Sebastião queria impor à força o cristianismo e a supremacia portuguesa no Marrocos, os colonos que chegavam ao Brasil, possivelmente, compartilhavam com o ódio contra o pecador (BOXER, 2002).

O Homem colonizador era também *desleixado* (Holanda, 1997) e inseqüente como D. Sebastião. O rei mitológico lançou-se desastrosamente contra os marroquinos, sendo tragicamente aniquilado. O exército português, diz Boxer (2002), também agia desesperadamente, ora atingindo vitórias fantásticas, ora sendo assolado por derrotas trágicas. Assim:

Ao desembarcarem das naus numa praia inimiga, raramente os portugueses se organizavam de maneira adequada para, depois, avançar em formação cerrada; ao contrário, cada soldado corria impetuosamente para frente, sozinho, como se estivesse disputando uma corrida contra seus camaradas. Se os inimigos, em geral formados a certa distância, não fugissem diante dessa investida, os primeiros soldados a alcançá-los chegavam ofegantes e exaustos, sem a mínima condição de lutar, e sem contar com o apoio dos companheiros, mais lentos que vinham se arrastando (BOXER, 2002, p. 312).

Aqui podemos dizer que nos deparamos com uma tragicomédia histórica, onde a aventura, a religião, o desleixo, a libido, a ordem e a barbárie interpenetravam-se formando um mundo pantanoso e peculiar. O Maranhão, assim como as colônias asiáticas, por ser distante e de difícil acesso e fiscalização, talvez tenha atingido de forma mais intensa os ideais de libertação e aventura do povo português.

Padre Vieira observava a situação calamitosa (a falta de seriedade), onde a *providência divina* era devastada pela falta de religião e razão dos colonos (desleixo e riso). Porém, Vieira parecia crer em um *paraíso racionalizado*, com boas condutas religiosas, não era um mundo do *desleixo*, mas da ação pragmática-calculista. Os colonos eram herdeiros de D. Sebastião, não eram calculistas, mas exagerados, ostentadores, aventureiros, heróis trágicos e mesmo assim libertadores (e em muitos casos crentes na Cocanha). Dessa maneira, o mundo do riso não era o mundo da providência divina vieirense, mas sim o mundo da perdição, tanto criticada pelo autor:

Como já mencionamos, o riso na Idade Média estava relegado para fora de todas as esferas oficiais da ideologia e de todas as formas oficiais, rigorosas, da vida e do comércio humano. O riso tinha sido expurgado do culto religioso, do cerimonial feudal e estatal, da etiqueta social e de todos os gêneros da ideologia elevada. O tom sério exclusivo caracteriza a cultura medieval oficial. O próprio conteúdo dessa ideologia: ascetismo, crença numa sinistra providência, papel dominante desempenhado por categorias como pecado, a redenção, o sofrimento, e o próprio caráter do regime feudal consagrado por essa ideologia[...] (Bakhtin, 1999, p.63)

D. Sebastião era, para Vieira, um libertador. O padre dava ênfase ao heroísmo do rei que sintetizaria a ação e a graça divina. Através do destaque das qualidades heróicas de Sebastião, Vieira parecia buscar expurgar o *desleixo* e a *irracionalidade* daquele. Portugal seria a nação iluminada que implantaria o Quinto Império do livro de Daniel, mas isto não se daria pelo *desleixo* e *desordem*, mas pela fé e propagação do catolicismo (ascético).

Com base nestas *representações*, o Brasil, mais especificamente o Maranhão, constituía-se ora como perdição (Vieira) ora como paraíso (moradores). Na península Ibérica, diz Holanda (1997), era a *aventura*, os vôos alucinados, os objetivos gigantes, a ânsia por títulos e riquezas sem esforço que encabeçavam a colonização. Talvez a crença na desalienação, por parte dos colonizadores, sobrepusesse a dita *empresa civilizatório/cristã*.

Holanda (1997) dizia que a *ética da aventura* viabilizou a empresa e a formação social colonial, baseadas no esforço mínimo e lucro máximo. Então, *o que o português vinha buscar era, sem dúvida, a riqueza, mas riqueza que custa certa ousadia, não riqueza que custa trabalho* (HOLANDA, 1997). O ideal maior do colonizador era *colher sem plantar a árvore* (HOLANDA, 1997).

Não é difícil imaginar, ao ler os relatos vieirenses, que o processo de civilização do estado parecia não se conjugar com os corolários do Estado Moderno nascente, mas muito mais com os

ideais de libertação dionisíaca da *Cocanha*. O padre não concordava com o desenho invertido que relatava, por isso exigiu intervenções, e criticava o modelo social que se constituía.

De acordo com Boxer (2002), os portugueses tinham ânsia por melhora de vida, mas esta melhora não se daria pelo trabalho próprio, mas pela exploração do trabalho dos outros. O desejo era adquirir escravos para que pudessem melhorar de vida e assim ostentar títulos militares (nobreza, fidalguia).

Os ideais - ou as idéias - que animavam os portugueses que saíam voluntariamente de seu país como descobridores, marujos, soldados, colonizadores, comerciantes e missionários, entre 1415 e 1825, percorriam naturalmente uma escala que ia do idealismo mais elevado e desinteressado até a avidez mais sórdida por ganhos materiais. A maioria, como muitos emigrantes antes e depois, provavelmente partia apenas com a esperança de melhorar social e economicamente, pois acabaria enfrentando a pobreza se simplesmente ficasse onde estava (BOXER, 2002, p. 328).

A meu ver, os discursos do padre demonstravam urgência de intervenções rigorosas, para que a autoridade central não se perdesse na desordem gerada pela ânsia de melhora de vida a qualquer custo. Ao invés de se implementar uma expansão da civilização/cristã, o que parecia se processar era a *inversão* de tal ordem. Os costumes, as instituições, as legislações, a autoridade, o catolicismo, o trabalho, o status, tudo se transmutava, muito mais no sentido de libertação das amarras do absolutismo moderno: *A Cocanha*.

A *Cocanha* é uma visão da vida como um longo Carnaval, e o Carnaval é uma *Cocanha* passageira, com a mesma ênfase sobre a comida e as inversões. O carnaval era uma época de comédias, que muitas vezes apresentavam situações invertidas, em que o juiz era posto no tronco ou a mulher triunfava sobre o marido (BURKE, 1999, p. 214).

A qualificação de *ponta a cabeça* representa, a meu ver, a constituição peculiar do Estado do Maranhão (talvez Brasil), assim obedecendo a transformações e mutações, que não eram bem vistas pelo Padre Vieira. Com isso, a ordem desordenava-se ordenadamente em uma outra forma de ordem social. O padre moralista e representante da ordem civilizatória/cristã (a seriedade, a quaresma), realmente, não poderia se maravilhar com o que percebia: corrupção, pecados, deslealdade, exploração dos índios, ócio, mentiras etc (a *cocanha*, o riso). Observem que o padre traz o *riso* para os sermões, mas num intuito moralista de torná-lo *sério*. Apesar disso, é

importante visualizar, que o padre traz ao sermão algo que na Idade Média era *a priori* pecado: o mundo do riso e da inversão.

O Quinto Império popular era a terra onde *jorra leite e mel*, onde o trabalho não existe. Mas, para o padre, este paraíso não existia. Vieira idealizava que o Quinto Império providencializava-se somente pela ação prática, pelo calculismo e fé, não pelo desleixo e aventura.

Observem, o padre Vieira era crente em uma mitologia religiosa, providência divina, que definia suas ações, inclusive a construção dos sermões. As suas inversões hierárquicas não eram para celebrá-las, como geralmente acontece nas festas de carnaval, mas sim para expurgá-las, exorcizá-las. As inversões eram, acima de tudo, para definir que os dois caminhos, do *riso* e da *seriedade*, levariam para o inferno e para o céu, respectivamente. Destarte, assim como o carnaval serve para reforçar a ordem, os sermões de Vieira invertiam a ordem da natureza, do ritual, de temas bíblicos, no intuito de reforçar a moralidade da civilização cristã: a ordem da seriedade.

Por fim, podemos chegar à ilação de que Antonio Vieira estaria do lado da seriedade, da razão, da providencialização de Deus na Terra através do sebastianismo. Seus escritos eram acima de tudo sátiras à mentalidade aristocrática dos colonos portugueses, que não compreendiam que a civilização cristã se faria com obras que requeriam esforço e trabalho, não aventura e ostentação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura popular na Idade média e no renascimento**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOXER, Charles R. **O império marítimo português**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BURKE, P.; PORTER, R. **História social da linguagem**. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins fontes, 1996.

DURKHEIM, Emile e MAUSS, Marcel. "Algumas formas primitivas de classificação". In: Mauss. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2001, pp. 399-455.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NEVES, Luiz Felipe Baeta. **Vieira e a imaginação social jesuítica: Maranhão e Grão-Pará no século XVII**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

PÉCORA, Alcir. **Teatro do sacramento**. São Paulo: Edusp, 1994.

_____. **Sermões: o modelo sacramental**. In: VIEIRA, Antônio. **Os Sermões**. São Paulo: Hedra, 2000. Tomo I.

SARAIVA, Antonio J. **O discurso engenhoso**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

VIEIRA, Antônio. **Os sermões**. São Paulo: Hedra, 2000. Tomo I. (Sermão da Sexagésima, Santo Antonio aos Peixes, Bom Ladrão, Quinta Domingo da Quaresma).